

## RESENHA

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da sociedade brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo. Global Editora e Distribuidora LTDA, 2003, 768 páginas.

*Pedro Mairton dos Santos Silva*

*(Graduando do segundo semestre de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Ceará)*

A 48ª edição do livro **Casa-grande & Senzala: formação da sociedade brasileira sob o regime da economia patriarcal**, do escritor, historiador e jornalista brasileiro, Gilberto Freyre, foi publicada no ano de 2003 pela Global Editora e possui 768 páginas ao todo e dividindo-se em 12 partes incluindo a bibliografia, sendo seis delas escritas por Gilberto Freyre, que são o **Prefácio à 1ª edição** e os cinco capítulos de conteúdo estudado: **Características gerais da colonização do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida**; **O indígena na formação da família brasileira**; **O colonizador português: antecedentes e predisposições**; **O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro** e **O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)**. Além disso, consta também com uma crítica de Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da república, logo no início do livro; dois apêndices por Edson Nery da Fonseca, sendo a primeira uma biobibliografia de Gilberto Freyre e a segunda as edições deste livro; e, por fim, um índice remissivo e um índice onomástico.

A obra trata da formação da sociedade brasileira em meio à vida das casasgrandes e senzalas nos grandes latifúndios que deram origem ao Brasil e ao indivíduo brasileiro que conhecemos hoje, desde o português branco senhor de engenho, até ao nativo indígena e o negro escravo africano, abordando de forma minuciosa a importância e a contribuição de cada raça que originou o miscigenado brasileiro, desde as suas características físicas e psíquicas até aos costumes que carregamos conosco tanto na época em que este livro foi originalmente publicado, no ano de 1933, quanto ao século XXI.

O livro é rico de referências, com até 179 notas ao fim do primeiro capítulo, o mais curto entre os 5, chegando a haver 235 em um dos capítulos, evidenciando o quão importante foi esta obra para a compreensão dos fenômenos históricos formadores de uma Nação a partir de uma sociedade colonial, latifundiária, escravocrata, sifilizada e acima de tudo católica.

A linguagem que o autor utiliza não é de toda robusta, com exceção de raras palavras; há de comentar-se também da vulgaridade dos termos e de certas palavras que o autor usou para denominar certas ações dos indivíduos ou de suas características, chegando a assustar por tamanha clareza e falta de papas na língua, o que é interessante de apontar principalmente em publicações datadas da primeira metade do século XX, uma vez que era comum a censura a respeito de relações sexuais e da preferência de muitos autores de omitir certos termos que implicariam em um constrangimento do leitor.

A coesão textual de Gilberto Freyre é muito boa, não permitindo ao leitor de suas obras interpretar ambiguidade em suas ideias. Sem falar que, graças à sua riqueza de referências, Gilberto reforça seus argumentos com inúmeros exemplos diferentes para realmente impregnar no leitor tanto a realidade das casasgrandes e senzalas quanto suas ideias a respeito de certo assunto tratado no texto. A riqueza referencial não é somente em quantidade, mas também em qualidade, então é comum vê-lo citando não só uma bibliografia nacional, mas também internacional, essas muitas vezes sem tradução.

Contudo, a exuberância de detalhes por muitas vezes torna a leitura densa e cansativa, com parágrafos muito longos; as vezes, um parágrafo ocupa o espaço de uma página e meia e isso pode desmotivar um pouco na leitura, mas não o suficiente para desistir de ler a obra, que retrata muito bem os povos gênese da nossa sociedade e o processo que nos levou à esta unificação como um povo geral, não somente índio, não apenas europeu e nem só africano, mas sim, brasileiro. Logo, **Casa-grande & Senzala:** formação da sociedade brasileira sob o regime da economia patriarcal é recomendado para acadêmicos de história e jornalismo e quaisquer outros que estiverem interessados em saber de forma detalhada a vida nas casasgrandes pelo miscigenado povo brasileiro.

Como citado anteriormente, o livro está dividido em cinco partes estudadas, excluindo-se o prefácio, e será descrito e comentado cada um. Outro fator que nos é interessante é a ordem cronológica dos capítulos, o autor primeiro introduz de forma geral sobre as três raças que compõem o povo brasileiro, depois aborda em sequência sobre o

nativo, que foi o primeiro a estar presente nesta terra; logo após falará sobre o português, que chegou com suas embarcações para a prática do escambo e conseqüentemente à colonização; e por fim o negro, que foi trazido pelos portugueses do continente africano para servir de base no sistema colonial com seu trabalho escravo.

O primeiro capítulo é **Características gerais da colonização do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida**, e o autor comenta brevemente, porém bem detalhado, sobre as características do português colonizador, o nativo indígena e o escravo africano; além das características dos ares brasileiros, favorável ao cultivo da cana de açúcar e o clima quente tropical que favorecia o regime escravocrata.

A isso, soma-se o fato que Gilberto Freyre afirma que, embora o português era europeu e que a experiência em viver nos trópicos a princípio seria uma preocupação, ele era, entre os povos da Europa, o mais adaptado para viverem nos trópicos devido a sua experiência de viajarem à comércio através dos oceanos para diferentes regiões, entre elas os trópicos do continente africano e do oriente, e esse contato com a cultura dos povos que viviam nessas regiões permitiu ao português se acomodar relativamente melhor que outros povos europeus, como os anglo-saxônicos. Sem falar que o povo ibérico é um dos mais miscigenados da Europa justamente por causa desse contato constante com outros povos.

Essa miscigenação foi fundamental para a formação da sociedade brasileira, tanto para superar as adversidades climáticas e do solo, já que o colonizador europeu não tinha técnicas para dominar a terra até então desconhecida; além disso, contribuiu para o próprio povoamento da colônia e Gilberto Freyre comenta que era comum a relação sexual entre colonos e colonizados, principalmente entre o branco europeu com a nativa indígena ou a escrava negra. Sem falar que esse povoamento também favoreceu o sistema latifundiário escravocrata, uma vez que ele se sustentava através do trabalho braçal agrário e o negro era essencial para desempenhar esse papel, e como era caro comprar negros em boa forma para manter esse sistema, os filhos de escravos eram como lucro para os olhos do colonizador.

A Igreja Católica também foi fundamental para promover essa miscigenação, pois qualquer estrangeiro poderia embarcar no Brasil e viver por aqui, contanto que fosse católico. Não importava a sua raça, nem se com ele trouxesse doenças facilmente

transmissíveis, para integrar-se no território brasileiro deveria apenas rezar um pai-nosso e um ave-maria diante do padre que estava liberado para entrar no território brasileiro.

A Igreja não foi apenas importante para promover essa miscigenação brasileira, mas também na construção do Brasil como conhecemos. Ela está presente em todos os capítulos e é figura essencial para entendermos as características de cada povo, uma vez que esses estavam sob forte influência religiosa, servindo até como ponte para sincretismos e união entre os povos das diferentes raças que compuseram o Estado.

Devido a este fator de facilitação da imigração no Brasil restringir-se somente na religião do imigrante, ao longo de toda colonização houveram muitas doenças transmissíveis, com destaque para a sífilis, também comentada em cada capítulo nesta obra. A presença da sífilis era tão massiva no País que Gilberto Freyre chegou a dizer: “Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado.” (FREYRE, 1933, p. 110).

O segundo capítulo **O indígena na formação da família brasileira** comenta, como a própria denominação do capítulo afirma, sobre o indígena no Brasil. A princípio, Gilberto analisa os aspectos de cultura e organização social dos indígenas e observa que são povos primitivos, ainda nômades, diferentes dos indivíduos encontrados na que viria ser América Hispânica, como os Maias, Aztecas e os Incas, mais desenvolvidos em organização e em cultura, com territórios demarcados.

Por serem nômades, na visão do autor, foram também povos que se miscigenaram, antes mesmo da chegada dos navios portugueses, o que acabou contribuindo para uma melhor harmonia no primeiro contato com o português, havendo uma melhor troca cultural, embora a do colonizador predominasse.

Gilberto Freyre comenta muito a respeito das relações sexuais que originaram a miscigenação brasileira, e cita que os portugueses não resistiam quando observavam as índias nuas que banhavam nos rios, comentando até que os padres Jesuítas tinham dificuldades para não serem levados pelos prazeres da carne. A relação entre portugueses e índias não era forçada, pelo menos muitas das vezes, e diz ainda que a índia se oferecia sem resistência ao europeu, os enxergando como deuses, e se davam completamente por pouca coisa a eles.

A higienização e o gosto pelo banho são traços oriundos dos indígenas, diferente dos portugueses que tinham horror pelo banho, pois acreditavam que a água trazia doenças transmissíveis, principalmente quando se banhava ao ar livre, em rios e lagoas.

Como os índios ainda tinham traços primitivos e nômades, não conheciam muito bem a agricultura e isso prejudicou os portugueses, pois queriam dominar a terra para tornar mais eficiente seu cultivo monocultor de cana-de-açúcar e o contato com o índio poderia possivelmente ajuda-los no seu sistema.

Os índios eram poligâmicos, ou seja, relacionavam-se sem problema com outras mulheres simultaneamente, e é interessante o espanto dos portugueses, principalmente entre os clérigos, ao se depararem com isso, pois Portugal está sob influência do catolicismo e a monogamia predominava em solo europeu que tinha rigidez religiosa cristã. Porém, isso foi um problema mesmo para o clero resolver, pois os colonizadores naquele contexto mantinham contatos sexuais com a sua esposa branca, sua amante nativa e sua escrava negra, o que era abominável para a Igreja, que tomou providências para extinguir esses costumes indígenas.

E não foi só a poligamia que a Igreja Católica queria exterminar dos hábitos indígenas, mas sim tudo que era de caráter herege, e isso foi crucial para a grande devastação dos costumes indígenas, que acabaram cedendo ao catolicismo através da catequese dos padres Jesuítas, muito importantes na educação brasileira nos primeiros séculos da colonização. Contudo, eliminar traços culturais de um povo ao todo não era tarefa fácil, e os Jesuítas acabavam por influenciar as crianças, a fim de que elas questionassem a educação de seus pais a respeito de suas práticas e criassem raízes no catolicismo, e pelo fato de serem crianças, facilitaria a propagação católica para as futuras gerações, e um dos traços que evidenciam o genocídio étnico-cultural é a extinção de uma língua; o que de fato ocorreu, hoje no Brasil predomina em quase todo território a língua portuguesa.

É interessante observar outros hábitos indígenas retratados pelo autor na obra, como a pintura corporal para evitar os males místicos que assombravam os índios; a divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres eram responsáveis por quase todas as tarefas, enquanto o homem limitava-se muitas vezes por ser responsável pela caça e pesca, não se comparando ao trabalho feminino. Sem falar da culinária, que talvez seja uma das maiores contribuições indígenas que é comum vermos no dia a dia, como a farinha de

mandioca, que desbancou até o trigo, preferido pelos portugueses, e ainda dedica muitas páginas a respeito dos alimentos e suas derivações, comentando de forma minuciosa cada uma em extensos parágrafos.

Outro fator interessante é o homossexualismo e o bissexualismo presente nos índios, prática tão abominada pela igreja e ridicularizado em nossa sociedade, era algo comum para os índios. Inclusive, indivíduos homossexuais tinham enorme influência para os nativos, que os enxergavam com virtudes extraordinárias e grandes poderes místicos, e eram indivíduos que tinham muito poder de mando devido sua influência. Essa valorização ao homossexual aos poucos, como maior parte da sua cultura, foi extinguindo-se.

O terceiro capítulo é **O colonizador português: antecedentes e predisposições**, cujo foco é abordar sobre as características do português, desde a sua formação como um povo na península ibérica, até a sua miscigenação no Brasil. E muito por conta de ser um povo originado através da mistura de outros povos, como os mouros e os moçárabes, o português não teve tantos problemas para misturarem-se com os índios ou os negros, e inclusive Gilberto Freyre afirma que, em relação aos outros europeus colonizadores, como os calvinistas ingleses na América do Norte, o português era menos cruel com seus escravos e o que mais simpatizou com as raças denominadas “inferiores”, que eram o negro africano e o nativo indígena.

Há muitos relatos históricos a respeito de conflitos entre portugueses e indígenas. Porém, o inimigo do português nunca foi o índio, mas sim, o herege. Aquele que não era católico ou tinha resistência em converter-se ao catolicismo não era bem-vindo nas terras tupiniquins, como comentamos ao abordar o primeiro capítulo do livro. Logo, as guerras entre raças aqui no Brasil não eram por motivos racistas em si, mas sim religiosos. “É o pecado, a heresia, a infidelidade que não se deixa entrar na colônia, e não o estrangeiro. É o infiel que se trata como inimigo no indígena, e não o indivíduo de raça diversa ou de cor diferente.” (FREYRE, 1933, p. 266).

É como dito nas comunidades litúrgicas: Deus ama o pecador, mas abomina o pecado, logo, havia a necessidade de reparar o pecador, enxugando a sua mancha do pecado.

Já se foi comentando aqui sobre a importância da Igreja na povoação dos primeiros indivíduos no Brasil, a questão católica era, acima de tudo, a entrada do

imigrante no País ou a paz para o aborígene nativo e o negro exportado do continente africano até a América Portuguesa.

Além disso, o autor fala a respeito da formação da sociedade portuguesa, que deu origem a metrópole como conhecemos através da história durante a colonização, e cita em muitas páginas o contato constante com judeus, mouros e moçárabes como elementos fundamentais para definir os traços físicos e psíquicos do português. Inclusive, cita que se o português não tivesse se acostumado com a escravidão dos mouros em suas próprias terras, não teria conseguido implantar o regime latifundiário monocultor e escravocrata no Brasil tão bem encaixado. A isso, soma-se o fato que Gilberto resalta inúmeras vezes que sem o escravo, a monocultura, o latifúndio, o Brasil não seria isso como conhecemos hoje, talvez, quem sabe, ramificado em grandes regiões, como os vice-reinos na América Hispânica, que futuramente tornaram-se novos países, enquanto o Brasil permaneceu unido com toda sua unidade nacional.

De fato, os mouros não foram só essenciais para a formação da sociedade portuguesa, mas também para a própria sociedade brasileira, uma vez que eles viam ao Brasil trabalhar nos centros urbanos, pois o País concentrava-se suas atividades na agricultura nos latifúndios e faltavam trabalhadores nas cidades, e a chegada dos mouros contribuiu não só culturalmente, mas também para a melhoria da economia no País.

O capítulo não se mostra tão rico em conteúdo como os outros, inclusive é o que menos contém notas no final do capítulo, com 152, porém, ele é de grande importância para entendermos as peculiaridades do povo português que propiciou toda uma reviravolta no nativo indígena e produziu um dos mais elaborados sistemas de colonização que a história já registrou graças ao regime escravocrata.

Os dois últimos capítulos são os mesmos, trata-se de **O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro** e sua continuação. É, sem dúvidas, o capítulo mais rico em conteúdo de **Casa-grande & Senzala**: formação da sociedade brasileira sob o regime da economia patriarcal, evidenciada pelo número de suas notas ao final do capítulo e pela sua própria extensão, ocupando quase a metade do conteúdo estudado no livro.

Ele aborda sobre as características e costumes dos negros africanos que foram escravizados na África e vendido aos navios portugueses para servirem às casasgrandes do Brasil e permanecerem nas senzalas durante a escravidão. E o mais interessante de Gilberto Freyre até aqui é que ele comenta não apenas as consequências do escravo negro

no Brasil, ou no possível prejuízo que ele traz consigo em malefício à civilização, como limitam-se muitos autores da área, mas também da contribuição de seu povo para a formação da sociedade, e aponta isso logo no início desse capítulo destinado a eles.

A primeira parte do capítulo é centrado bastante nas mulheres negras, e como em quase toda a abordagem feminina presente no livro, o autor comenta sobre os relacionamentos entre o senhor de engenho branco com a escrava negra, citando até que eles têm excitação maior por mulheres de cor e que, às vezes, conseguem apenas sentir o prazer sexual se relacionando com mulheres negras. Interessante notar como a figura erótica da mulher negra é abordada por inúmeros autores do Brasil, inclusive entre os romancistas, como Aluísio de Azevedo, que deu origem a personagem Rita Baiana na sua obra *O Cortiço*, sendo uma mulher negra, extrovertida e sensual, batalhada por muitos personagens durante o romance naturalista.

O autor ressaltara anteriormente como o negro era importante no sistema latifundiário, pois a economia girava em torno de seu trabalho escravo, e sem ele não seria possível a manutenção desse regime, e chega a citar que por causa disso, o negro foi mais importante até que o português e o nativo juntos na formação da sociedade brasileira.

Ainda cita que o negro tinha mais facilidade em se adaptar ao clima tropical brasileiro, mais até que os próprios índios que aqui viviam aqui, e alguns autores afirmam que por serem mais extrovertidos que os indígenas, o africano conseguiu se inserir melhor nos regimes que os eram impostos no Brasil, como a escravidão. Aliás, o continente africano se assemelha em muitas questões geográficas com o Brasil, então não seria surpresa a adaptação negra na América do Sul.

Além disso, o negro também conhecia melhor práticas agrícolas, desde sua vida anterior em suas tribos, e também tinha técnicas de mineração, que foi bastante utilizada pelos colonizadores quando foram descobertas as pedras preciosas nas regiões das Minas Gerais.

Quanto às suas características físicas, o negro era alto e corpulento, e que o seu regime alimentar favorecia isso, e embora aqui houvesse falta de recursos e de alimentos nutritivos para grande parte das casasgrandes, nas senzalas não faltava comida, pois sem o negro bem alimentado o sistema monocultor de cultivo de açúcar não predominaria por muito tempo no Brasil.



No quesito religioso, a Igreja tinha outra preocupação além da heresia indígena e o protestantismo holandês no Nordeste com Maurício de Nassau: o islamismo africano. Mas como era previsível no contato entre civilizações “superiores e inferiores”, o catolicismo se instaurou de vez sobre os negros islâmicos da África do Norte e dos politeístas de outras regiões do continente. É interessante comentar como era grande a devoção dos escravos quanto ao catolicismo, impressionante era sua fé que os padres permitiam que eles cultivassem danças e costumes oriundos de sua terra depois que esses cumpriam suas atividades católicas durante o dia.

Errado quem pensa que o negro vinha da África apenas para servir aos engenhos de açúcar. Em verdade, o negro contribuiu para a criação de gado, mineração das minas e até na domesticação das casasgrandes. A isso, é interessante notar o papel das mulheres negras na criação dos filhos das jovens que engravidavam precocemente, pois elas não tinham tanta nutrição devido à esta escassez comentada constantemente ao longo do livro, inclusive serviam comumente na amamentação dos meninos brancos. Esta amamentação por vezes era perigosa, pois como havia bastante relações sexuais desprotegidas, haviam transmissão de doenças para as crianças recém-nascidas, como a sífilis, que foi considerada uma doença doméstica por tão comum de ser adquirida na época.

Diferente de outros autores, Gilberto crê que não se pode elogiar o negro pela sua fácil adaptação à escravidão no Brasil, mas sim em seu contexto como trabalhador, extrovertido e em seus costumes, que mesmo com a degradação de boa parte desses, foi uma das raças que mais conservaram sua cultura no território nacional, podendo ser reconhecido em diversas práticas nossas no cotidiano. Logo, o autor é diferenciado no quesito de olhar não somente pelo lado da contribuição do negro para o sistema de organização da civilização do colonizador, mas sim para a nossa própria história como brasileiro.

De fato, não teria como Gilberto Freyre colocar em sua obra toda a retribuição negra para a sociedade brasileira, e muito menos de comentá-las toda aqui nesta obra, de tão rica e extensa que ela foi para nós culturalmente, e por isso que é tão importante ressaltar a aqueles que tem interesse de estudar mais sobre o Brasil e sua composição desde sua gênese, em 1500.

Portanto, Gilberto Freyre retratou de forma excelente e detalhada em todos os capítulos como cada característica de cada povo que entrou nestas terras brasileiras foi

fundamental para a sua composição e formação, ressaltando a importância de cada raça, sem menosprezar nenhuma, como fazia outros autores de sua época, como Oliveira Vianna, muito contra-argumentado por Gilberto neste livro, que viam o negro, o índio e a mestiçagem como elementos cruciais para o prejuízo da civilização brasileira, enquanto Gilberto frisa totalmente o contrário. Dessa forma, a obra de Gilberto, **Casa-grande & Senzala**: formação da sociedade brasileira sob o regime da economia patriarcal, é diferenciada e grande por excelência, sendo, talvez, o livro que mais representa o que é o Brasil e o brasileiro, tão único e ao mesmo tempo um pouco de tudo.

E para generalizar como foi essa relação entre diferentes povos, Gilberto frisa, ainda no final do primeiro capítulo, a relação de antagonismo presente no Brasil; em suas próprias palavras:

Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo. (FREYRE, 1933, p. 116).